

**MIA COUTO**

RESUMO

**Conferência: *Em defesa da impureza***

Por Luciana Thomé

## As fronteiras culturais e a união humana

Em pinceladas precisas e repletas de cor como se registrasse um cenário em aquarela, o escritor moçambicano Mia Couto falou sobre as fronteiras do humano e do não humano. Afinal, de que somos feitos? O que diz a biologia sobre nossa matéria, nossa vida e nossa realidade? Um dos principais autores do continente africano, ele defendeu que talvez nunca tenha sido tão importante e essencial ser impuro. Esta foi a tônica da conferência on-line de Couto no primeiro evento da temporada 2020 do *Fronteiras do Pensamento*, em uma transmissão que ocorreu pela plataforma digital.

A defesa da impureza feita pelo escritor começou com uma declaração de humildade e que surge da experiência múltipla de Moçambique, um país onde convivem diferentes tempos e diferentes visões do mundo. “Eu trago aqui essa única competência que é um exercício que Guimarães Rosa chamou de travessia. Eu vivo dessas travessias, vivo dessas conversas entre os que constroem cotidianamente a nação moçambicana, cada um com a sua cultura, sua língua e sua religiosidade.”

Neste cenário não é importante a verdade de cada cultura. Para Couto, o fascínio está no território das fronteiras e de toda a cosmogonia de promessas e de evidências. E que começa por esboçar uma complexa questão: o que define o humano?

“Quando escolhemos dizer no singular – humano –, corremos, imediatamente, o risco de definirmos de uma forma redutora um conceito que é básico e fundador nesta nossa conversa. Porque a primeira condição daquilo que é humano é exatamente o oposto. Quer dizer o indefinível, a sua heterogeneidade e a sua profunda diversidade.” Ou seja, cada ser humano é uma criatura única e irrepetível. E não é apenas a impressão digital que distingue as pessoas, mas suas histórias. Couto ressaltou que todas essas histórias se cruzam numa rede que é maior do que o próprio universo.

Em Moçambique, a maior parte das culturas de raiz bantu não define a fronteira entre o humano e o não humano, pois não existe um espaço entre os vivos e os mortos ou uma palavra que defina

Apresentação

Braskem

Patrocínio

Empresa  
ParcelaApoio  
Educativo

Promoção

Universidade  
Parcela

sociedade e cultura. “Não porque isso seja uma falta, mas porque existe uma outra percepção do mundo que não cria estas vedações, estas fronteiras”, explicou. Segundo ele, a situação vivida em muitos países durante a pandemia explicita um outro caso: a exposição de dramas pessoais como se fossem o espelho do drama da humanidade inteira, mesmo para aquele em “confinamento de luxo”. “Isso mostra que, mesmo entre essa gente que era uma gente solidária e generosa com os outros é muito fácil se esquecer que a maior parte da humanidade não vive num apartamento com várias divisórias, não vive numa casa cercada de livros e discos.”

Muitas pessoas não têm água ou esgoto. Mas uma campanha imperceptível, que está por aí todos os dias, afirma que somos uma aldeia global e que o mundo nos torna ligados porque temos acesso a internet, Twitter, Facebook ou WhatsApp. “Isso não é verdade. Não vivemos todos no mesmo mundo. Mais da metade da humanidade não tem acesso à internet, só para dar o exemplo. Em Moçambique menos de 20% das pessoas têm acesso à internet. É mais grave do que isso: mais da metade da humanidade não tem acesso a água potável, e Moçambique está dentro deste quadro”, declarou.

Para Mia Couto, vamos superar a Covid-19, mas outra doença que acomete mais ainda está longe de acabar: a fome, que já matou milhões de pessoas e que não está nas manchetes dos jornais.

Outra questão trazida por ele foi sobre a pureza ou a impureza quando falamos sobre o que é humano. Durante séculos, a religião trabalhou para nos aproximar de Deus e atuou junto da ciência para inventar uma natureza humana distinta e singular. Agora, a ciência busca desvendar a nossa identidade em projetos como o Genoma Humano, a partir de um pressuposto de que tudo estaria nos nossos genes. “O resultado foi que a explicação da nossa identidade como espécie de identidade individual não é tão simples, linear ou mecânica. Os genes têm, realmente, instruções fundamentais, mas só se expressam quando dialogam com outros fatores que são igualmente determinantes. Então, quando se esperava que houvesse uma causa simples, havia todo um enredo com múltiplas e inesperadas personagens.”

A ciência foi descobrindo que a maior parte de nossas células não são, realmente, humanas. “Quer dizer que são bactérias, vírus, fungos e todas essas criaturas que não fazem parte no nosso corpo porque são, simplesmente, habitantes. Elas são o nosso corpo. Elas e nós somos essas pessoas, essas criaturas. Isso quer dizer que é, sobretudo, um não humano que nos ajuda a sermos humanos.”

#### Apresentação

**Braskem** 

#### Patrocínio



#### Empresa Parcela



#### Apoio Educativo



#### Promoção



#### Universidade Parcela



A imagem que Mia Couto descreveu é biológica e literária: uma simples célula do nosso corpo já incorpora uma multidão de outra multidão de outras entidades vivas. E uma delas se chama mitocôndria, que fala uma espécie de idioma que só existe nessa minúscula ilha e se refugiou dentro das nossas células quando ainda nem éramos “nós”. A mitocôndria foi o primeiro grande refugiado do planeta e escapou de uma catástrofe, o acidente que gerou o oxigênio na Terra e o nosso céu azul. “Essa refugiada não atravessou, exatamente, continentes, mas atravessou a parede das células hospedeiras e fez essa viagem, fez essa travessia e nunca foi forçada a falar a língua das células hospedeiras. E ainda hoje, milhões de anos depois, bilhões de anos depois, essas células e essas mitocôndrias convivem e não podem viver longe umas das outras.”

Na política, sempre se pensou que o motor da competição estaria na eliminação dos mais fracos. “Hoje sabemos que não é exatamente isso. Essa competição existe, mas não é a ferramenta mais poderosa. Para a evolução o que é mais poderoso e mais forte é o processo de trocas simbióticas”, explicou.

Falamos de vilões do cinema e ligamos os vírus a esta figura maligna. “Mas nós temos agora a certeza de que os vírus são os grandes mestres da orquestra da vida. São eles os mensageiros e os agentes de troca entre o patrimônio genético que existe entre diversos seres. Eles não estão fora, nem estão longe. Eles estão onde está a vida: estão dentro de nós e nós somos feitos a partir deles.”

Couto contou sobre um episódio numa comissão científica do governo moçambicano, em que curandeiros avisaram que não tinham competência para lidar com a Covid-19. Mas que, quando os cientistas aprendessem o idioma, que os ensinassem, pois eles iriam querer conversar com o vírus. “Isto não é apenas uma forma poética, mas desta maneira de expressar a necessidade de conversar e entrar em harmonia com esta nova identidade. Traduz de fato um outro fundamento de uma outra maneira de fazer medicina, de uma outra prática médica. Em Moçambique os doentes têm um modo particular de se queixar, deixando o corpo falar. ‘Estou a sentir o corpo que dorme a cabeça’, a pessoa diz. Esse doente está dizendo que o corpo fala com ele e que o seu corpo está alertando, está avisando que ele está em dissonância com o mundo.”

O terapeuta moçambicano ou africano, de modo geral, coloca em diálogo forças que estavam em desacordo. Dentro e fora da nossa pele nós somos uma espécie de agência de viagens entre

Apresentação

Braskem 

Patrocínio



Empresa  
Parcela



Apoio  
Educativo



Promoção



Universidade  
Parcela



o corpo, a casa e o mundo. É assim que pensam os curandeiros. “Na educação das novas gerações isto é o que uma criança deve aprender: que é feita desta diversidade do humano e do não humano. Essa criança dificilmente será manipulada quando for adulta por movimentos que se inspirem nesta ideia da pureza racial religiosa ou da pureza étnica.”

Desta forma, para nos definirmos como humanos precisamos nos livrar das certezas e não ter medo. “Se assumirmos que somos quem somos, exatamente porque somos capazes de ser outros, saberemos que nós somos fabricados por histórias, por relações, por teias, por trocas que são feitas permanentemente com os outros. E nós fomos sendo mais humanos, fomos nos aproximando mais e mais dessa ideia de uma humanidade que existe inclusive aqui e abraça todos, toda a diversidade do planeta, à medida que nós também somos centroavantes, à medida que nós nos retirarmos do centro da imagem que nós mesmos criamos do universo.”

Couto sugeriu a leitura de *Microcosmos*, livro de Lynn Margulis e Dorion Sagan sobre os 4 bilhões de anos da evolução da vida na Terra. “A lição que nós temos que tomar desta pandemia tem a ver com a aceitação da nossa própria fragilidade. Que nós criamos durante os dois últimos séculos. Mas não há mais tempo para uma civilização que se deixou inebriar pelo seu poder tecnológico. De repente uma pequena criatura invisível revelou o quanto nós estamos todos desarmados e desprotegidos. Nós depositávamos uma fé quase religiosa neste patrimônio de saber e do conhecimento que deixamos acumular. E eu acho que esse sentimento de desamparo realmente confere esta dimensão psicológica da crise que nós estamos vivendo.”

Na última parte de sua conferência, o escritor reforçou o fato de que deixamos de saber prever os episódios, e a humanidade inteira enfrenta, nos dias de hoje, um espetáculo coletivo de impotência, incerteza e insegurança. “Neste planeta há um centro, um topo, um lugar na hierarquia da vida. Não somos nós esse centro. Não existe um centro que gira à nossa falta. Está dentro de nós, no entanto, esse mundo. E para nós, mais do que isso, é a admissão de que somos comandados, somos domesticados por esse universo invisível das bactérias e dos vírus.” Mia Couto reforçou o papel do Estado, das pressões neoliberais e da extrema direita que impõem um discurso autoritário e claramente antidemocrático. Neste cenário, a missão do escritor é construir uma narrativa que possa servir de lição para nos reinventar como humanidade. “Para grande parte da humanidade, da maioria da humanidade, nós temos que reinventar o humano, sim, mas é preciso antes que saibamos fazer isso juntos. Realmente juntos. Precisamos que as nossas diferenças nos ajudem a criar não só maior proximidade, mas a criar esta simbiose que a vida foi capaz de fazer, de maneira que possamos não apenas viver mais próximos, mas vivermos com os outros”, finalizou.

Apresentação

**Braskem** 

Patrocínio



Empresa  
Parcela

**UNICRED** 



Apoio  
Educativo



Promoção

Grupo **RBS**

Universidade  
Parcela

